

O Livro de Jó
Sessão 27: Teologia do Livro de Jó
Por John Walton

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 27, Teologia do Livro de Jó.

Introdução [00:22-00:48]

Agora estamos prontos para tentar destilar a teologia do Livro de Jó. Falamos sobre seu propósito e sua mensagem. Falamos sobre como Deus é caracterizado no livro, e todos esses são elementos importantes, mas vamos tentar juntar as peças da teologia. Uma das maneiras pelas quais podemos abordar isso é tentar aprender com as falsas visões de Jó sobre Deus.

Deus não é mesquinho [00:48-3:09]

Então, vamos começar com a ideia de que Deus é mesquinho. Novamente, isso é o que Jó tendia a pensar que Deus era mesquinho. Jó é suspeito não apenas em relação à possibilidade de estar superatento às recompensas de Deus, mas também ao julgamento de Deus. Encontramos isso no capítulo sete, encontramos no capítulo 14.

Essa ideia de que Jó está sentindo muito, muito profundamente, a ideia do julgamento de Deus, e isso é bastante típico hoje também. As pessoas às vezes estão muito sintonizadas em pensar que Deus é excessivamente atencioso, seja em recompensas ou julgamentos. Não é incomum alguém que está sofrendo dizer: o que ele quer de mim? Eu fiz tudo o que ele pediu! E com a ideia de que Deus, de alguma forma, será mais exigente do que podemos imaginar. As pessoas começam a se perguntar se Deus está respondendo a alguma pequena desconsideração ou algum lapso de uma década atrás e se Deus ainda está segurando isso com força e não abrindo mão disso. Temos que ter muito cuidado com essas formas de pensar sobre Deus. Não queremos ser excessivamente atentos ou pensar que Deus está excessivamente atento a essas coisas.

Temos em Mateus 5:48 que Deus é perfeito, e ele quer que sejamos perfeitos como ele é perfeito. Mas isso não significa que ele nos chame impiedosamente para prestar contas de pequenos desvios. Esse não é o ponto. A Escritura nos garante que ele conhece nossas fraquezas e percebe que somos frágeis; por exemplo, no Salmo 103. Então, temos que reconhecer que as preocupações de Jó sobre Deus são mesquinhas e que podemos nos preocupar da mesma forma. Realmente, temos que repensar esse tipo de visão de Deus.

Deus não é injusto [3:09-8:02]

Outra abordagem que encontramos em Jó é que Jó realmente considera Deus injusto. As afirmações de Jó de que as ações de Deus não podem ser contestadas estão no centro de suas primeiras afirmações, 1:21, 2:10. Mas essa é apenas uma posição temporária para Jó. Ele finalmente tenta chamar Deus para prestar contas da justiça de seus caminhos.

Lembre-se, ele exige uma audiência no tribunal. Ele acusa Deus de poder abusivo. Há uma transição sutil de se é uma questão de justiça quem poderia desafiá-lo - isso é Jó 9:19; para, ele destrói os inocentes e os ímpios. Isso é apenas três versículos depois em Jó 9:22. Em 19:7, Jó afirma que não há *mishpat*. *Mishpat* é a palavra hebraica para justiça. E em 27:2, ele afirma que Deus reteve *mishpat* dele. Também podemos ver isso em 34:5. Portanto, essa ideia é que Deus não está enfrentando o que se deveria razoavelmente esperar dele.

No capítulo 16, versículos 9 a 14, ele traça suas acusações contra Deus como agressor, adversário, traidor e guerreiro sem piedade. A repreensão de Deus a Jó no capítulo 40:8 deixa claro que Jó considerava Deus injusto.

Mais uma vez, isso costuma ser uma característica de nossas reações modernas quando a vida não corre como pensamos. Quando vemos coisas ao redor do mundo que realmente nos incomodam, é característico de nós começarmos a pensar que Deus de alguma forma está aquém dos padrões que deveria manter. Mas se esperarmos justiça em todas as circunstâncias que enfrentamos na vida, inevitavelmente ficaremos desapontados. E, em nossa frustração, esse desapontamento pode colocar Deus em seu foco. O problema é que

também aceitamos a premissa de que, se a justiça flui de Deus e ele é todo-poderoso, devemos esperar que nossa experiência diária reflita a justiça de Deus. Nós facilmente pensamos assim. A falha desse pensamento é que ele assume que o cosmos está marcado com os atributos de Deus. Essa é uma visão dos descartes de livros.

O erro é pensar que o plano de Deus dia após dia para garantir que a justiça seja feita. Cometemos o erro de pensar que esse é o plano de Deus. Isso não é o que ele está fazendo. Quando a justiça não é aplicada em nossas vidas, é fácil concluir que Deus está tomando decisões, mas que a justiça não está conduzindo essas decisões. Se ele está exercendo o poder sem ser guiado pela justiça, ele se torna a criatura do caos que Jó o retrata.

Como tal, ele não está trazendo ordem. Ele não é a fonte da ordem. Em vez disso, ele representa a não-ordem. Neste mundo que apresenta todos os três, ordem, não-ordem e desordem, a justiça não pode reinar. Então, lembre-se, a alternativa que sugerimos é que o desígnio de Deus é um reflexo de sua sabedoria. Ele é a fonte e o centro da ordem, mas nem a não ordem nem a desordem estão fora de seu controle. Deus não pode ser avaliado de acordo com um padrão externo, pois isso o tornaria contingente a esse padrão. Nosso lugar não é responsabilizar Deus. Não é para chamá-lo à responsabilidade porque fazê-lo acabaria interpretando Deus como menos do que Deus.

Deus não pode ser manipulado [8:02-11:00]

Jó também mostra que acredita que Deus pode ser manipulado. Jó considera Deus tão marginalizado que pode ser manipulado. Jó tentou envolver Deus, atraí-lo para o tribunal, e falhou. Então ele usa ele. Esse é o voto de inocência no capítulo 31. Jó não acredita mais naquele ponto que encontrará a justiça de Deus. Ele agora busca algum tipo de coerência ao recuperar o equilíbrio na sociedade. Isso é o que seu juramento de inocência tenta fazer. Ele enumera todas as ofensas que não cometeu, convidando Deus, basicamente, a feri-lo de morte se ele realmente for culpado de algum desses crimes e o silêncio de Deus permanecer. O silêncio de Deus trabalhou contra Jó, e Jó tenta usar isso

em seu benefício. Ele pretende forçar a mão de Deus fazendo-os agir ou que no silêncio de Deus Jó encontrará vindicação.

No silêncio de Deus, ele teria exonerado Jó tácita e passivamente. Se a ruína inicial de Jó por Deus for provada como injustificável, Deus seria, portanto, visto como inconsistente em suas políticas. Se o princípio da retribuição definir suas políticas, a reputação de Jó seria salva enquanto a de Deus seria perdida. Em Jó 1, versículos 4 a 5, falamos muito sobre isso; O comportamento de Jó sugere que ele acredita que Deus pode ser controlado. Ele passou a acreditar que Deus pode ser superado em abordagens rituais. O perigo é que podemos vir a acreditar que Deus pode ser excessivamente atento em suas expectativas. Jó se pergunta se Deus é apático, violento, preocupado ou talvez até inepto. É muito fácil para nós hoje acreditar que Deus pode ser manipulado, seja por meio de nossas doações, frequência à igreja, adoração ou desempenho rígido das disciplinas cristãs, que de alguma forma podemos manipular Deus para fazer o que queremos que ele faça. Essa é uma maneira de pensar orientada para os benefícios, e não podemos. Não devemos tolerá-lo em nós mesmos.

Conclusão [11:00-11:56]

Portanto, muito da teologia que obtemos do livro de Jó surge quando reconhecemos os erros de Jó ao pensar sobre Deus, reconhecemos essas mesmas inclinações em nós mesmos e, então, uma boa teologia que sai do livro pode nos ajudar a corrigir esses equívocos sobre Deus e certifique-se de que eles não caracterizem nossos próprios modos de pensar.

A teologia do livro vai, claro, além da imagem de Deus, para a imagem do sofrimento. E voltaremos nossa atenção para a teologia do sofrimento no Livro de Jó no próximo segmento.

Este é o Dr. John Walton e seus ensinamentos sobre o Livro de Jó. Esta é a sessão 27, Teologia do Livro de Jó. [11:56]

